



# DESVELANDO A ATUAÇÃO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO FÍSICA ATRAVÉS DA PERCEPÇÃO DA TRAJETÓRIA ACADÊMICA<sup>1</sup>

Leonardo Germano Krüger  
Hugo Norberto Krug  
Universidade Federal de Santa Maria

**Resumo:** O objetivo desta investigação foi desvelar a atuação profissional dos futuros professores de Educação Física. Participaram 22 acadêmicos matriculados na disciplina Prática de Ensino do curso de Licenciatura em Educação Física do Centro de Educação Física e Desportos da Universidade Federal de Santa Maria-RS. Foi realizada uma entrevista semi-estruturada. Para a análise das informações usou-se a técnica da redução fenomenológica para o emergir das essências. Dessa maneira, possibilitou entender o futuro profissional e suas escolhas no ambiente universitário ou fora dele relacionando a sua trajetória da formação inicial, o mercado de trabalho e as ações desenvolvidas neste período. Portanto, estão se percorrendo caminhos para atingir objetivos pessoais e profissionais, desafios e possibilidades de enfrentar e olhar a si mesmo e a própria profissão.

**Palavras-chave:** Educação Física, Formação de Professores, Fenomenologia.

## SENSE THE PROFESSIONAL PERFORMANCE IN PHYSICAL EDUCATION THROUGH THE PERCEPTION OF THE ACADEMIC WAY

**Abstract** The objective of this investigation was to watch the professional performance of the futures physical education teachers. Participated 22 enrolled academics in the Practical discipline of Teaching of the course of Physical Education of the Physical Education Center and Sports of the Federal University of Santa Maria-RS. Semi-structured interview recorded and transcribed. For the analysis of the information the technique was used from the reduction phenomenology when emerging of the essences. This idea possible to understand the professional future and your choices at the university or out of him relating your way of the initial development, the job market and the actions developed in this lifetime. So is important underline that along this lifetime we are on the way to reach our personal and professional objectives, challenges and possibilities of to face and to look to himself and the own profession.

**Keywords:** Physical Education, Teacher Development, Phenomenology.

## OS PRESSUPOSTOS TEÓRICOS DA INVESTIGAÇÃO

Neste instante de projeção científica, intelectual e cultural, cabe fazermos uma breve reflexão tentando nos situar na realidade de hoje.

A economia capitalista neoliberal e globalizada em que a mídia, a multimídia e o tele-ensino invadem os lares, criam um mito em relação ao perfil adequado ou esperado para os indivíduos que a compõem. Para serem aceitos neste contexto, os indivíduos necessitam serem atualizados e flexíveis, dominar os conhecimentos das novas tecnologias informatizadas e mecanizadas. As invasões televisiva e virtual repassam valores de várias formas, formam opiniões e mudam atitudes, desvalidando valores morais, científicos, éticos e estéticos locais e universais. Em função das mudanças serem rápidas e constantes, o próprio mercado de trabalho desenvolve-se de tal forma que, pode provocar nas pessoas o agir instintivo, sem refletir e sem pensar nas suas próprias ações e atitudes de caráter pessoal e profissional.

<sup>1</sup> Artigo embasado na Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Pesquisa em Ciência do Movimento Humano, orientada pelo Prof. Dr. Hugo Norberto Krug – PGCMH/CEFD/UFSM.

Partindo disso e da realidade de um curso de Licenciatura em Educação Física<sup>2</sup>, releva-se nesta investigação a formação de professores, o qual nos leva a alguns questionamentos para entendermos as nossas ações e padrões de conduta e porque assumimos as mesmas quando nos referimos ao movimento humano, ou seja, é possível explicar a escolha profissional como o sentido da prática formativa enquanto futuro professor e profissional da Educação Física em uma relação singular com o mercado de trabalho, seja no ensino formal ou informal? Apesar do curso de Licenciatura, por um lado ser preparatório e enfatizar o trabalho na escola, qual será a razão pela qual a maioria dos acadêmicos prefere dirigir a sua formação para outras instituições, e uma pequena parcela, à educação formal? Será que as academias de ginástica, os clubes e as associações devem ser prioridade e, subseqüentemente, a escola?

Nestas indagações, percebemos que elas são os motivos que nos move no desejo de contribuir nesse processo investigativo, pois percebemos através da disciplina do curso já mencionado, Estágio Profissionalizante<sup>3</sup>, que a maioria dos acadêmicos prefere atividades relacionadas a área da saúde à educação, denotando uma desvalorização por parte dos mesmos em relação à Educação Física escolar. Somando estas questões às ações, atitudes e escolhas que fizemos na nossa prática formativa durante a formação inicial, desenvolvemos o seguinte objetivo geral para esta investigação: *desvelar a atuação profissional dos futuros professores de Educação Física do Centro de Educação Física e Desportos da Universidade Federal de Santa Maria.*

Para tanto, desenvolvemos esta investigação porque precisávamos conhecer e compreender a nós mesmos e o que nos cerca. O desafio foi conectar as narrativas dos acadêmicos, futuro docentes, com as narrativas da mudança social e educativa que têm lugar ali fora, além das paredes da classe (HARGREAVES *apud* HERNÁNDEZ, 1999).

A partir desta premissa, foi importante abordarmos algumas questões que envolvem a trajetória na formação inicial e as ações desenvolvidas neste período, a fim de refletir o papel dos acadêmicos de Educação Física na interpretação e compreensão da sua realidade, em busca da sua formação profissional. Para isso, baseamo-nos nas discussões ocorridas desde 1980 a respeito da presente temática.

Em 1980 teve-se como eixo das discussões três grupos de idéias sobre a Educação Física: os estudiosos que defendiam a Licenciatura como única opção; os que defendiam o Bacharelado (inclui-se a subdivisão entre o Bacharelado em Esporte e Lazer); e recentemente, os intelectuais que se digladiam na defesa de um objeto de estudo a fim balizar a formação profissional, ou também, generalista “versus” especialista (VERENGUER, 1996; MARIZ DE OLIVEIRA, 1988).

De fato, segue Verenguer (1996), as questões referenciadas a esta temática não se restringem à legislação ou implementação de uma estrutura curricular. Também implicam analisar desde qual é o objeto de estudo e concepção de Educação Física, o significado do que é ser profissional da área, os saberes e competências necessários à sua prática, a adesão do corpo docente até uma proposta de currículo e a necessidade de se imprimir mudanças.

Faria Jr. (1987) e Vieira (*apud* VERENGUER, 1996) afirmam que o objetivo dos cursos de graduação em Educação Física é de preparar profissionais para o ensino formal, ou seja, um educador com formação geral (fruto da Licenciatura) e não um técnico-especialista com alternativas para a atuação geral em outros segmentos do ensino informal (fruto do Bacharelado). Neste estudo, percebemos que o futuro profissional de Educação Física, mesmo optando pelo curso de Licenciatura, não deseja aprofundar-se no mesmo como campo de investimento e desenvolvimento da carreira. Com isso, encontramos problemas da ordem da formação profissional, do próprio interesse pessoal e do sentido que é dado a Educação Física.

<sup>2</sup> Centro de Educação Física e Desportos da Universidade Federal de Santa Maria – CEFD/UFMS.

<sup>3</sup> Estágio realizado no último semestre como requisito parcial para a conclusão do curso. O mesmo pode ser realizado em instituição formal ou informal, desde que seja cadastrado e aprovado pelo CEFD/UFMS.

Carmo (1998) diz que o problema da preparação profissional em Educação Física tem sua gênese na pouca qualidade dos cursos de Licenciatura. A formação inicial é deficiente, caracterizada por disciplinas de enfoque acadêmico-enciclopédico e na perspectiva técnica na formação (MOLINA NETO, 1997). Além disso, Krug (1996) também salienta que a formação do professor de Educação Física se encontra desarticulada da realidade social concreta, privilegiando a formação esportiva.

Ademais, as críticas à Licenciatura tem dois pontos centrais: os cursos formam licenciados com características de técnicos esportivos e como única opção de graduação forma, de maneira superficial, recursos humanos para atuarem nas áreas do Esporte, da Dança e da Recreação/Lazer (VERENGUER, 1996), e mais recentemente, nas Academias de Ginástica.

Medina (1983) menciona que os licenciados da Educação Física têm pouca ou nenhuma noção das finalidades da Educação e do seu curso no ensino formal. Supervalorizam os objetivos do Esporte: a competição, o resultado e a vitória. Embora a Licenciatura tenha a sua especificidade na escola, ela acaba se perdendo num rol de determinados conteúdos explorados inadequadamente. Ela tem fracassado porque seu foco prioritário de estudo não está nas escolas de ensino fundamental e médio, mas em outra parte qualquer onde o aluno possa futuramente encontrar emprego (FARIA Jr., 1987).

Sobretudo, é sabido que a intervenção no mercado de trabalho do profissional de Educação Física hoje, perpassam cinco grandes áreas: escola (notadamente desvalorizada pelos acadêmicos); saúde; lazer; esporte e empresa. Verenguer (2003) diz que a discussão sobre essa intervenção segue a necessidade de caracterização acadêmica para melhor definir a intervenção profissional e delimitação do mercado de trabalho. É preciso frisar nesta discussão que a Universidade e os docentes responsáveis pela formação profissional não podem estar desconectados das questões pertinentes ao cotidiano profissional e à dinâmica do mercado de trabalho.

Se o intuito é repensarmos a formação profissional em Educação Física, é necessário que se entenda em que fatia do mercado de trabalho ela atua. Isso não significa um desmerecimento da formação acadêmica que vem sendo desenvolvida, contudo, são necessários outros conhecimentos sobre a realidade social. A preparação profissional, portanto, é um processo que está intimamente relacionada com o mercado de trabalho, o que exige de nós, reflexões amplas e profundas (DELGADO, 1999).

Para isso, é pertinente sabermos diferenciar as necessidades e exigências do mercado de trabalho e as práticas pedagógicas desenvolvidas nas escolas. Neste sentido, Silva (2003) diz que é fundamental desenvolver no acadêmico, futuro profissional, habilidades necessárias para esta análise e inserção crítica do mesmo, seja reproduzindo-o ou transformando-o.

Este saber profissional em Educação Física é quase que exclusivo daqueles que viveram o processo de construção desse saber na sua trajetória da formação inicial. Neste sentido, queremos ressaltar a autopercepção na formação profissional apoiando-nos na fenomenologia para desvelar o mundo vivido pelos acadêmicos na sua trajetória da formação inicial a fim de interpretarmos as suas escolhas enquanto profissional da Educação Física.

## A FENOMENOLOGIA COMO PROCESSO DA INVESTIGAÇÃO

A preferência por essa corrente de pensamento vai ao encontro da possibilidade do pesquisador estudar e descrever o fenômeno tal como ele se encontra no âmago das vivências e experiências de seus significados e sentidos na vida de cada sujeito da presente investigação. Berger; Luckmann (1985) salientam que no mundo dos sujeitos, as suas experiências cotidianas e os significados atribuídos às mesmas são, portanto, os núcleos de atenção da fenomenologia. Na visão dos fenomenólogos é o sentido dado a essas experiências, ações e escolhas que constitui a realidade, isto é, a realidade é construída.

Por essa razão, a compreensão e interpretação temporal do ser precisam ser entendidas como um movimento de relações entre os indivíduos, buscando compreender o modo de ser da existência humana:

Na compreensão, a pre-sença projeta seu ser para possibilidades. Esse *ser para possibilidades*, constitutivo da compreensão, é um poder-ser que repercute sobre a pre-sença das possibilidades enquanto aberturas. O projetar da compreensão possui a possibilidade de se elaborar em formas. Chamamos de *interpretação* essa elaboração. Nela a compreensão se apropria do que compreende. Na interpretação, a compreensão se torna ela mesma e não outra coisa. A interpretação se funda existencialmente na compreensão e vice-versa. Interpretar não é tomar conhecimento de que se aprendeu, mas elaborar as possibilidades projetadas na compreensão (HEIDEGGER, Parte I, 2002, p.204).

Ademais, a subjetividade dos indivíduos é objetivada na maneira em habitar e conhecer o mundo, os objetos, a natureza e a si mesmos, manifestando-se em diferentes estilos e modos de agir e sentir. Temporalmente, nesta mundivivência do cotidiano, as tensões e inquietações, reflexões e escolhas projetam a “presença” no mundo de ontem, de hoje e do amanhã. De modo que

a *cotidianidade* deve desentranhar o seu sentido *temporal* para, com isso deixar vir à luz a problemática abrigada na temporalidade e fazer desaparecer por completo a aparente “evidência” das análises preparatórias. A temporalidade deve, na verdade, confirmar-se em todas as estruturas essenciais da constituição fundamental da pre-sença (HEIDEGGER, Parte II, 2004, p.126-7).

Merleau-Ponty (1994, p.3) ao referir-se a construção da realidade e do nosso conhecimento sobre o mundo vivido, mesmo a partir da ciência, ressalta que sabemos a partir de experiências individuais ou coletivas no e com o mundo “sem a qual os símbolos da ciência não poderiam dizer nada”.

No sentido dos autores acima mencionados, na construção da realidade investigada participaram 22 acadêmicos do curso de Licenciatura em Educação Física, do CEFD/UFSM, matriculados na disciplina MEN 433, “Prática de Ensino de Educação Física A”. As informações necessárias para o desenvolvimento desta investigação foram construídas por meio de entrevista semi-estruturada. Este instrumento parte de questões básicas que interessam à pesquisa fornecendo amplo campo de interrogativas que vão surgindo à medida que o entrevistado as responde (TRIVIÑOS, 1987). A partir disso, cada entrevista teve uma questão central visando possibilitar que o entrevistado pudesse expressar as suas vivências e escolhas, sentidos e significados, desvelando o seu mundo da trajetória na formação inicial: “*Qual é o sentido da sua formação profissional a partir das suas ações desenvolvidas na Universidade ou em outras instituições no seu dia-a-dia?*”

As entrevistas foram gravadas, transcritas e analisadas seguindo os passos de Giorgi (1986). Ele apresenta quatro etapas, seguida por uma quinta etapa proposta por Comiotto (*apud* NUNES, 2002), as quais perfazem o método fenomenológico: 1) Q sentido do todo – refere-se à descrição do fenômeno observado em cada entrevista gravada e transcrita. Tal descrição foi retratada como meio de acesso à situação vivida pelo sujeito; 2) Discriminação das unidades de significado – foi focalizado o principal fenômeno investigado a partir da descrição do fenômeno, processando-se a redução fenomenológica. Captou-se o sentido do todo e, por conseguinte, as unidades de significado foram discriminadas com o foco no fenômeno que está sendo investigado; 3) Transformações das unidades de significado – compreendeu a transformação da fala do entrevistado em linguagem educacional pelo pesquisador destacando o fenômeno investigado, sendo que o mundo é aquilo que percebemos; 4) Síntese das estruturas de significado – compreendeu a elaboração de uma estrutura descritiva sintética, coerente e consistente que traduziu a experiência vivenciada. Procurou-se transformar as unidades de significado em unidades estruturais de modo mais geral do que as do sujeito, de tal modo que respeitado sua experiência, possa transmitir o fenômeno como objeto de análise. Todas as unidades de significados são consideradas e sintetizadas, refletindo a verdade da essência do fenômeno desvelada nessa etapa do estudo numa perspectiva consistente, pois pelas dimensões as essências se revelaram; e 5) Q encontro das dimensões fenomenológicas – é o momento nas quais as essências de significado se mostraram a partir da síntese.

Assim, a presente investigação procurou interpretar as informações utilizando as essências retiradas dos fragmentos das entrevistas visando à compreensão do fenômeno estudado pelo investigador. Desse modo, foi preciso estabelecer um diálogo entre as concepções alternativas e o conhecimento científico com os acadêmicos a fim de atingir um sentido progressivamente mais adequado e racionalmente mais consistente à formação de professores de Educação Física. Porém, as concepções alternativas e o conhecimento científico estiveram codificados com linguagens distintas, o que talvez impossibilitou a conversação direta entre elas. Attingir o sentido progressivamente mais adequado e racionalmente mais consistente se traduziu em encontrar essências para os conceitos e a linguagem intersubjetiva.

## INTERPRETANDO AS ESSÊNCIAS DA INVESTIGAÇÃO

Dos relatos apresentados nas entrevistas, após o emprego do método fenomenológico, emergiram as essências quanto ao sentido da formação profissional dos acadêmicos do curso de Licenciatura em Educação Física.

Para a compreensão desta, é pertinente pontuarmos algumas considerações, expondo informações retiradas das falas dos entrevistados em relação: a) as atividades de maior preferência que os acadêmicos realizavam antes de ingressar no curso de Licenciatura em Educação Física do CEFD; b) as atividades em que eles atuaram, conforme as suas preferências durante o curso; c) a participação em eventos, congressos e seminários; d) onde gostariam de atuar depois de formado; e) de tentar relacionar as atividades curriculares do curso de Educação Física e se o mesmo pode influenciar sobre a futura escolha profissional; f) se as atividades do mercado de trabalho podem influenciar na escolha da sua atuação profissional.

No primeiro item expomos *as atividades de maior preferência que os acadêmicos realizavam antes de ingressar no curso de Licenciatura em Educação Física* do CEFD, e que, de certa forma, influenciaram nesta escolha. Percebemos que as atividades de maior preferência entre os acadêmicos estão relacionadas às experiências esportivas escolares, ou seja, às equipes escolares, em que a Educação Física escolar era desenvolvida sob o prisma do tecnicismo e do autotreinamento. Traduzindo essa informação em números, dos 22 acadêmicos entrevistados, aproximadamente 70% participavam e gostavam de esportes coletivos, preferencialmente, futebol, voleibol e handebol; 23% realizavam exercícios em academias de ginástica; e apenas 7% participavam de atividades e esportes de outra natureza, como por exemplo, atividades de lazer envolvendo comunidades de bairro, gincanas, caminhadas e campismo.

O presente fato apresenta a abordagem tecnicista ainda hegemônica e muito utilizada nas escolas pelos professores de Educação Física, como desenvolvimento do esporte na escola e não da escola (CAPARROZ, 1997). O esporte na escola ou institucionalizado é ainda mantido como conteúdo obrigatório na maioria das escolas da rede de ensino municipal e estadual (KRÜGER et al., 2003). De acordo com Gallardo (2000), os ideais liberais da sociedade sustentam que o esporte levará a criança a aprender. Nesse sentido, no mundo social da criança, muitas vezes tratada como um adulto em miniatura, devem prevalecer as regras e a obediência sem contestação. Assim, as determinações legais indicam que a partir da 5ª série do ensino fundamental, a programação deve incluir iniciação esportiva entre outras atividades do conteúdo nas instituições escolares, parecendo ainda prevalecer o slogan, “Ordem e Progresso”.

No segundo item, destacamos as atividades em que os acadêmicos mais atuaram conforme as suas preferências *durante o curso*: aproximadamente, 53% realizaram atividades na área da atividade física e saúde desenvolvida como Estágio Extracurricular em Academias de Ginástica e Clubes (escolinhas e equipe esportiva, musculação, natação, personal trainer, step, body combaty, axé, yoga, jump); 23% em Projetos de Ensino e Extensão (Projeto Segundo Tempo, ADUFMS, Atletismo na Escola, Educação Física Adaptada, Movimento Sem Terra); 8% em Pesquisa (atividade física e saúde; envelhecimento e qualidade de vida; treinamento e aptidão física; aquisição de habilidades motoras); 8% Movimento Estudantil (Diretório Central do

Estudante – DCE/UFSM, e Diretório Acadêmico – DA/CEFD); 5% participaram de pesquisas em Educação Física escolar voltada para a concepção sociológica e dialética da Educação.

Esta realidade demonstra a influência das experiências vivenciadas antes do ingresso no ensino superior como forma de seguir uma área em que, futuramente, sentirão gosto e prazer em ministrar aulas ou seções de atividade física. Ao tentarmos relacionar estas afirmativas com o item anterior, podemos perceber uma estreita relação entre o antes de ingressar no curso e as atividades realizadas durante o curso, pois os acadêmicos continuam preferindo as mesmas atividades que realizavam antes do curso, o que possivelmente, terá uma suposta influência na área após o curso. Além disso, podemos imputar que a maior parte das atividades realizadas pelos Núcleos e/ou Grupos de Estudo, Pesquisa e Extensão e seus respectivos professores coordenadores, são na sua maioria desenvolvidas na área da atividade física, saúde e qualidade de vida e, na área de treinamento físico. Com isso, o acadêmico de Educação Física sofre forte influência na sua escolha profissional, mesmo considerando que se está no âmbito de um curso de Licenciatura.

O terceiro item é referente a *participação em eventos, congressos e seminários*: todos, ou seja, 100% dos entrevistados procuraram durante o período da graduação participar de eventos na área da Educação Física. Neste aspecto, destacamos que a procura por estes cursos estão diretamente ligados à área da atividade física, saúde, qualidade de vida, treinamento físico e desportivo, desenvolvimento de aptidão e habilidades motoras. Desta forma, pela sua preferência e necessidade de procura, o acadêmico procura suprir as suas deficiências quanto a esses tipos de conhecimento. Neste sentido, a formação do futuro professor parece estar “enquadrando-se” em uma Educação Física tecnicista, desenvolvimentista, atividade física para a promoção da saúde e psicomotricidade funcional.

Também é importante salientar que são poucos os congressos, cursos ou seminários que discutem temas epistemológicos da Educação Física ou da Educação Física escolar em uma abordagem crítica, como por exemplo, a abordagem progressista, crítico-superadora, crítico-emancipatória, visão didática da Educação Física, crítica ao esporte, Teorias da Educação e tendências pedagógicas na prática escolar.

No quarto item os acadêmicos entrevistados expressaram *onde gostariam de atuar depois de formado*. A área de atuação mais pretendida por eles foi às atividades desenvolvidas em Academias de Ginástica, dentre elas as destacadas anteriormente no segundo item, aproximadamente 60%. Os demais gostariam de exercer a profissão de professor de Educação Física em escolinhas esportivas (15%), em escola privada (13%), escola pública (9%), professor universitário (2%), e Federação ou Associação Esportiva (1%). Entretanto, quase 90%, gostaria de conciliar atividades em Academias de Ginástica com a Educação Física escolar.

Relembramo-nos sobre a formação e a atuação no mercado de trabalho do profissional de Educação Física, quando colocávamos no segundo capítulo desta investigação sobre a inserção deste profissional no mesmo, o qual perpassa cinco áreas: escola, saúde, lazer, esporte e empresa. De acordo com Petrica (1997), a escolha dos acadêmicos pelas diferentes áreas de atuação profissional está influenciada pelo leque de oportunidades que o mercado de trabalho abre para o profissional de Educação Física, com destaque para a atuação em academias de ginástica e escolinhas esportivas que continuam em fase de expansão. Além disso, esse autor também afirma que a profissão e o profissional de Educação Física estão em plena fase de transformação na atuação e formação. Atualmente, grande parte dos profissionais que saem dos cursos de graduação se dirigem à iniciativa privada para oferecer sua força de trabalho, apesar de ser ainda a escola a que mais absorve o profissional.

No quinto item, abordamos a *influência do curso de Licenciatura em Educação Física sobre a futura escolha profissional*. Na opinião dos acadêmicos, aproximadamente, 60% dizem que o curso não influencia na futura escolha da área de atuação profissional; 30% dizem que sim; e 10% não souberam responder. Na opinião de Onofre (1991), a formação inicial dos cursos de Educação Física parece não estar a influenciar o processo de pensamento e ação de futuros professores e,

conseqüentemente, não está contribuindo para a melhoria da prática da Educação Física nas escolas. Para Carreiro da Costa (1994), a formação profissional que ocorre nos cursos de licenciatura é uma tarefa complexa que requer uma formação sólida para que o professor consiga definir o que ensinar, porque ensinar, para que ensinar e como ensinar, além de definir a sua concepção de ensino na escola.

No sexto e último item, abordamos *se as atividades do mercado de trabalho podem influenciar na escolha da sua atuação profissional*. Essa consideração foi confirmada pela totalidade dos entrevistados. Mesmo o curso de Educação Física sendo de Licenciatura, o que implica dizer que o mesmo deveria preparar para que o seu futuro profissional viesse a atuar no ensino formal, e, como foi constatado na opinião do acadêmico, o curso não está preparando para isso; a adesão no âmbito educacional, principalmente na rede pública de ensino é difícil porque é grande o intervalo de tempo entre um concurso e outro, além do alto grau de exigência para ser aprovado no mesmo. Já a inserção e atuação em escola privada também são difíceis, pois, geralmente, o corpo docente destas escolas já está formado e consolidado.

O exemplo disso pode ser através do fragmento de uma fala de um dos entrevistados:

*Eu acho muito difícil fazer concurso. Acho que vai ser pior do que entrar numa Universidade, né! Que daí tu vai tá formada, tu quer alguma coisa, mas tem muitas vezes que tu não consegue o que tu deseja. Tipo esse concurso público que teve agora para professor, quando que vai ter de novo? (Acadêmico A).*

A partir deste relato e da dificuldade presenciada, torna-se imperioso o acadêmico voltar a sua formação profissional para além do âmbito educacional. No entanto, nesta busca pela diversidade ou pela generalização, estamos correndo o risco de, e talvez é o que parece estar acontecendo, desprezar o contexto escolar, as suas necessidades e exigências da educação e da sociedade de hoje. Assim, poderemos continuar na mesmice, na reprodução do que se fazia, e ainda muito se faz, quando a Educação Física foi fortemente influenciada pela educação Higienista e Militarista do século passado.

Após esta breve descrição, parece evidente que as atividades realizadas pelos acadêmicos durante o curso de Licenciatura em Educação Física, bem como o mercado de trabalho influencia na escolha da área de atuação pelo futuro profissional de Educação Física, o que acaba configurando a sua formação profissional, a saber:

#### 1. Atuar e se desenvolver profissionalmente na área de Academia de Ginástica.

*Olha, eu dou muito valor para uma formação a nível superior, porque eu estou recém me preparando com uma base para começar a procurar o que quero, que é a parte de academia porque com essa prática eu tenho mais oportunidade de emprego. E não tenho muito interesse em escola (Acadêmico I).*

#### 2. Desenvolver atividades, preferencialmente, no âmbito formal de ensino, ou seja, na Educação Física escolar.

*Problematizar mais as aulas de Educação Física na escola (Acadêmico E).*

*Eu trabalhei com projetos de extensão na escola: o Projeto Segundo Tempo e o de Atletismo na Escola. Lá a gente ensinava os alunos a jogar e dava iniciação ao Atletismo. Gostei. É isso que eu quero fazer (Acadêmico B).*

#### 3. Mudar ou transformar a prática pedagógica da Educação Física escolar, principalmente do esporte rendimento para o esporte educacional.

*Ah, mais voltado para a escola sim, principalmente, porque eu sou contra a hegemonia do esporte de rendimento na escola. Como eu participo de um Grupo de Estudo e lá a gente estuda a Teoria Marxista, então eu pretendo trabalhar mais essa relação assim do aluno com a sociedade. Então eu procuro estudar bastante isso, e essa é a relação que eu quero levar. Eu sei que não é fácil. Eu vejo alguns professores trabalhando nisso e eles não recebem apoio nenhum dos outros professores, porque é muito mais fácil tu chegar lá e simplesmente jogar*



*uma bola ou treinar uma equipe. Mas o nosso Grupo tem essa meta: é a Educação Física relacionada com toda a sociedade e com todo o contexto da realidade e com o que está acontecendo nela, essa é a nossa intenção de trabalhar. Isso que eu quero seguir (Acadêmico E).*

4. Por motivos de melhor rendimento financeiro, conciliar o trabalho em Academias de Ginástica com a Educação Física escolar, mas com especialização naquela e, possivelmente, simples cumprimento da carga horária na escola.

*Eu quero atuar nos dois, esse é o sentido da minha formação. Gosto de academia e vou trabalhar com isso. A escola também gosto e também pretendo trabalhar nela. Então essa é a formação que tenho dado (Acadêmico B).*

*Eu entrei no curso pensando em ser professora e eu quero ser professora. Só que nos dias atuais não é só como professora que eu vou querer atuar. Tanto é que eu busquei estágio na academia para aprender a dar aulas de local, step, agora eu tô indo para a aula de jump também, para ter essa possibilidade de conciliar o trabalho. Só que eu vejo assim, que o mercado de trabalho está concorrido e a gente não ganha tão bem, né. Não é o suficiente. Por mais que eu goste de escola eu tô indo buscar outras possibilidades, outros referenciais, né, para poder trabalhar em academias e clubes... (Acadêmico G).*

5. Ingressar em Federações ou Secretarias de Município a fim de garantir, ampliar e melhorar os espaços para a prática da Educação Física.

*Ser professor, pra falar bem a verdade não é o que eu quero. Não é o meu projeto trabalhar em escola. Uma das maiores razões pra eu vir aqui pra UFSM é por causa do Estágio Profissionalizante, pois eu posso fazer fora. Posso fazer em qualquer campo, que é onde eu quero fazer que é na parte de Organização Esportiva e Política Esportiva... porque o campo da Educação Física é muito grande. Porque existe muitas leis e essas leis não são cumpridas. Tu vê vários municípios que têm que ter quadra esportiva. Tais bairros têm que ter quadra... tem que ter estruturas para o esporte e não têm. Tu vê aquelas BABILÔNIAS que são os campos de futebol. Será que aquela estrutura não pode ser usada para o município e não somente pelo clube? Sabe. Tu tem assim várias coisas pra ti trabalhar e, que se tu não entrar lá dentro, tu não vai saber. Então às vezes tu tem a lei na mão, mas tu não sabe, tu desconhece (Acadêmico F).*

6. Trabalhar com equipes esportivas através da aptidão e do treinamento físico.

*Eu sempre gostei bastante de atividades físicas. Participava na escola de torneios, interséries, esse tipo de jogos. Acho que agora, vou te dar um exemplo: é através de uma atividade que eu dou para a 2ª série, de competição, um vai passando a bola para o outro, e a turma que chegar primeiro lá na frente é vencedora. Então sempre me interessei por saber de como funcionava o corpo, como é que se fazia para acompanhar determinado objetivo e, através disso eu comecei a analisar e o curso que eu gostaria de fazer era Educação Física. Eu entrei com o intuito de trabalhar em clubes e equipes de rendimento (Acadêmico H).*

7. Ser um profissional autônomo e pesquisador da própria prática, independente da área da atuação profissional.

*Eu percebo que o nosso curso de Educação Física apresenta várias lacunas e muita coisa fica em aberto. A partir daí, da minha percepção, eu fui buscando subsídios teóricos e práticos para trabalhar com a escola e acabei dando essa direção. E até pra te falar bem a verdade, o lado informal assim, a educação informal, não acabou ficando de lado na minha formação. Eu tento fazer o mesmo. Sempre procuro pesquisar mais, ver o que os teóricos trazem e relacionar com o que eu tô fazendo para aprender mais (Acadêmico D).*

De acordo com Salvador (1994), os significados que os acadêmicos constroem no decurso das atividades formativas não são significados quaisquer e sim, que correspondem a conteúdos que em sua maior parte são, de fato, reproduções culturais por estarem vivenciando esta prática; ou transformações culturais, por acreditarem na mudança educacional e social, o que é pouco comum. Com isso, percebemos que os conteúdos podem nos levar, de alguma forma ou de outra, a esclarecer e priorizar as nossas escolhas, as quais são mediadas por situações sugeridas, colocadas ou, muitas vezes, impostas pelos formadores do ensino superior e também, pelas exigências e pelo o que o mercado de trabalho está oferecendo no momento.

Tentando ilustrar o exposto, consideramos que as nossas atividades são profundamente comprometidas com os nossos referenciais e filosofia de vida, de mundo e de profissão, e que, a cada posicionamento em nossas tomadas de decisões política quanto em nosso atuar cotidiano na formação profissional, seja individual ou coletivamente, não estão separadas daqueles.



Entretanto, quando abordamos a concepção de Educação Física com os entrevistados, várias foram às respostas que podemos traduzir o que eles disseram sem mencionar em suas falas, mas primeiro expomos o que eles disseram nas entrevistas, resumindo em uma fala contemplativa para o momento:

*Eu não tinha muito ainda uma visão de Educação quando eu entrei aqui. Eu pensava mais na parte de treinamento, de técnica. Depois eu conheci um pouco o lado educacional (Acadêmico I).*

A falta de eloquência na fala acima, o que também foi percebido na quase maioria dos entrevistados, significa que estes não têm uma visão ou referencial capaz de argumentar sobre a Educação e Educação Física. Através da compreensão das demais falas, percebemos que as mesmas concentram-se em um nível prático e técnico, tradicional e bancário da Educação Física. Com isso fica claro que ainda somos fortemente influenciados pelo positivismo e por uma visão biologicista da Educação Física e, portanto, ainda carecemos de fundamentação e embasamento teórico para além deste simples entendimento preocupado com a reprodução e com a *mimesis*.

Podemos assim, relacionar as escolhas tomadas pelos acadêmicos durante a sua formação inicial com o que Abraham (1987; 2000) apresenta sobre como as pessoas constituem-se em sua profissão, considerando o entrelaçamento entre si mesmo e a sua profissão, isto é, uma interrelação pessoal-profissional, bem como neste íterim, o relacionamento que Heidegger (2002, 2004) e Merleau-Ponty (1994) preconizam sobre o ser-no-mundo, experienciado e vivido por ele.

O entrelaçamento e influência do meio social e do mundo vivido pode ser observado na seguinte fala:

*A minha mãe é professora de Educação Física e a minha tia tava fazendo Faculdade de Educação Física, daí eu pensei: vou fazer também entendeu, porque eu gostava das aulas da minha mãe, inclusive ela dava aula pra mim. A minha tia gostava do curso, daí eu pensei: eu vou gostar também! (...) normal né... aquela coisa de quem não sabe o que vai fazer na vida na época do vestibular (Acadêmico A).*

Lançando um olhar sobre as trajetórias de formação dos entrevistados, Abraham (1987), Nóvoa (1992) e Isaía (2005) consideram que quem está envolvido com a sua formação, é um ser unitário (pessoal-profissional), em que as fases da vida e da profissão se entrelaçam caracterizando-se com um processo complexo multimediado, pois, envolvem momentos de crises, recuos, avanços, descontinuidades e contradições, que, entendidas de forma construtiva e formativa passam a ser motivos de mudança e transformações em sua carreira. O que deixa claro que os sujeitos em formação, os professores de Educação Física e o meio social influenciam-se mutuamente.

Nesta perspectiva, os momentos e as marcas da vida e da profissão estão intrinsecamente relacionadas e determinam o modo como cada indivíduo percebe a si e seu entorno vivencial, acadêmico e profissional. O trecho do entrevistado a seguir pode nos auxiliar a compreender o relacionamento pessoal e profissional:

*A formação acadêmica quando a gente chega no 7º semestre, a gente se depara assim: tu chega no final pra ir fazer Estágio fora, daí tu, por exemplo, tu se depara: “o que eu fiz até hoje?” Daí tu vai analisando né! Por que no fim tu pode retomar a tua trajetória no Curso e na Universidade. Eu me envolvi mais com Projeto de Extensão ligado ao ensino do esporte; com pesquisa eu não me envolvi. Que assim..., sei lá... a Pesquisa é importante, mas eu não tenho a paciência de tá ali sempre pesquisando uma coisa muito teórica das revisões. Então nunca tive essa participação em pesquisa, me envolvi mais com extensão, mais com Voleibol, e no final eu cheguei e disse assim: “Pô, se eu quisé trabalhá em escola, eu tenho muito pouca experiência!” Na escola eu participei do projeto Segundo Tempo muito poucos meses, sabe, dois meses só, então é pouca experiência se tu vai ver (Acadêmico B, grifos nossos).*

Através deste depoimento podemos visualizar a ligação do indivíduo com o que ele nos conta sobre a sua trajetória na formação inicial, o qual ele não parece se preocupar com a fundamentação teórica que sustenta a sua prática, tanto na pesquisa – atividade científica que ele diz não ter realizado – quanto no projeto de extensão. Dessa forma, entendemos que a preocupação única e exclusiva é a aplicação prática do conteúdo. Entretanto, Pérez Gómez (1992) e Schön (2000) comentam que o profissional pode ser um pesquisador da sua própria prática pedagógica, assumindo-se como um intelectual prático reflexivo, refletindo na ação e sobre a ação. Assim, como foi vivenciado pelo Acadêmico B, não é preciso estudar e buscar aproximar ou contextualizar a relação teoria-prática, basta executá-la ao achismo, ou como diz Freire (2000), ao blábláblá.

De acordo com Abraham (1987) e Isaia (2005), ao longo da trajetória formativa, o desvelamento do professor ocorre diante de quatro pontos de vista: 1) Das situações concretas que ele enfrenta; 2) Das representações que os outros desenvolvem sobre ele; 3) Das representações que ele mantém de si mesmo; e 4) De como ele percebe as representações dos outros a seu respeito.

Na fala a seguir, tentamos visualizar esses pontos supracitados:

*Se tu vai ver o nosso curso aqui, ele é muito fácil. O pessoal “de fora” (dos outros cursos) que fala assim: “a Educação Física é fácil!”, eles têm razão. O professor... ele traz um pequeno fragmento de uma parte de um livro para ti ler. O aluno não vai se interessar em pegar e ler o livro todo para ver o que o autor tá dizendo. É só aquele pedacinho, quando ele lê. Então eu acho que isso é muito fraco aqui dentro sabe. Acho que o professor deveria dizer: “olha pessoal, aqui está o livro, leiam!”, e depois cobrar alguma coisa a mais. E essa questão de que o aluno tem que procurar, ir atrás disso, é ele ler o todo e não só se contentar com o fragmento ou com partes, porque senão ele não vai entender (o que comumente acontece). Mas ele não faz isso, eu vejo pouca gente fazendo isso aqui dentro (Acadêmico E, grifos nossos).*

Neste sentido, têm-se três representações profissional e social: a real, a ideal e a idealizada. A primeira, real, representa aquilo que somos; a representação ideal é o que eu desejo ser; e a representação idealizada é o que eu penso e acho que sou, mas não sou (ABRAHAM, 1987). Com isso notamos que um dos principais conflitos encontrados na formação dos professores de Educação Física é o que o sujeito em formação quer ou gostaria ser; a aceitação dele pelos outros e a ansiedade que esta situação proporciona, bem como as condições que o mercado atual lhe dispõe e/ou impõe. Muitas vezes, na ânsia de tentar atingir o eu ideal, o futuro professor acaba recorrendo aos meios de comunicação de massa para exercer seus métodos, tanto na vida pessoal como na profissional, na qual são geradas imagens idealizadas e estereotipadas e um desejo individual, ou melhor, uma alienação individual a idealizada.

A imagem ideal ou a percepção que cada um tem da sua profissão se torna altamente significativa, pois o indivíduo capta através da sua percepção aspectos simbólicos inerentes ao seu fazer profissional e pedagógico. Assim, a compreensão individual atrelada à concepção que se tem da própria profissão é indispensável para interpretar as ações e as imagens construídas. Essas propriedades podem ser capaz de transmitir e emitir conceitos e mensagens tornando-se a mola propulsora à plenitude, à expressividade e à pluralidade dos significados. Podemos perceber, então, que a constituição do “eu” dos futuros professores envolve uma trama de condições internas e externas, alicerçadas aos aspectos conscientes e inconscientes que afetam a dimensão individual, grupal e social.

Nesta constituição, de acordo com Nóvoa (1992), corremos o perigo das modas, que estão cada vez mais presentes no terreno educativo e no âmbito social, em grande parte devido a grande circulação de idéias no mundo atual. Neste contexto também se inserem os aspectos relativos ao domínio social em que cada indivíduo possui em relação à si-mesmo e da sua profissão (ABRAHAM, 2000; HEIDEGGER, 2004). Neste caso, a Educação Física foi identificada na visão dos sujeitos entrevistados sob duas perspectivas: 1) Enquanto componente curricular pedagógico educacional: a) sob a égide da eficácia e da

técnica, reprodutora e bancária; e b) voltada ao esporte educacional e contextual, na procura da superação da primeira; 2) Enquanto desenvolvimento e manutenção da saúde e qualidade de vida realizada em Academias de Ginástica, Empresas e Hospitais, entre outras.

Apontado estas possibilidades de atuação do profissional da Educação Física que envolve o homem em uma sociedade consumista, e isto, é perceptível claramente em nosso contexto de atuação profissional, o modismo e a cultura de massa em prol de uma Educação Física preventiva, da saúde e da qualidade de vida nos atinge em sua totalidade, e a área do ensino formal acaba ficando em segundo senão em terceiro plano na formação inicial de seus futuros professores. Essa invasão, a qual podemos assim denominá-la, processou-se de forma tão rápida que, na maioria das vezes, o sujeito não se percebe, pois já está habituado a conviver com ela, e também desta forma, a mídia reforça esta visão invadindo todos os locais da sociedade.

Diante destes fatos, Abraham (2000) discute a idéia do labirinto. Através desse exemplo podemos relacionar, metaforicamente, o Labirinto de Dédalo, representada em seu centro pela figura mitológica do minotauro, e os caminhos e trajetórias que o indivíduo percorre no seu cotidiano da sua formação profissional. Estes caminhos, geralmente são estreitos, sinuosos, desafiantes ou alienantes. Ao sermos estimulados a passar por esses caminhos, o caminho da formação inicial, e atingirmos a nossa meta, a nossa formação profissional, somos desvelados pelo movimento de busca. Movimento este, responsável pelo desenvolvimento pessoal e profissional, ao alcance de chegar ao centro do labirinto, ao alcance do si-mesmo, do eu verdadeiro, da autenticidade; capaz de enfrentar as demandas da vida e da profissão, o qual dá motivação ao sujeito a abraçar sua profissão.

Nóvoa (1992), vê neste contexto, a construção da identidade como um lugar de lutas e conflitos, um espaço de construção de maneiras de ser e de estar na profissão. Ao se referir às histórias de vida dos docentes, ele defende que um indivíduo reconhece-se na história que conta a si próprio sobre si mesmo, sendo um terreno no qual se constrói a formação, agindo com ação e autoconsciência.

*Prá mim a Educação Física era o que eu vivenciava na época da escola onde estudei. Normalmente era aquela história que a gente tá cansado de ouvi e escutar: “aquela questão que o professor vinha e jogava a bola”. (...) Então, Educação Física era eu jogar lá, não tinha outro fim além disso, sabe. Agora, depois que tu começa estudar, coisa e tal, tu vê que pode ter um cunho social, por exemplo, até outras coisas que giram em torno da Educação Física. **Mudou muito meu conceito, a minha concepção de Educação Física.** Relacionado ao curso aqui do CEFD, ele te dá subsídios tanto prá ti atuar na academia quanto prá escola. Acho que **a prioridade é tua!** (Acadêmico D, grifos nossos).*

Lembramos que hoje, em especial o mundo da Educação Física, está vinculado e, de certa forma, dependente da teoria da informação. Assim, pois, o contexto atual é dominado pela tecnociência aplicada à informação e à comunicação. Logo, a nossa representação pessoal-profissional traduz-se na imagem ou no gesto condizente aos nossos referenciais construídos nos desafios que encontramos pelo labirinto. Desta forma, vivemos em um mundo em constante criação de elementos e categorias interligados, que, aos poucos, constituem-se elementos do mundo sócio-cultural, da nossa vida e da nossa profissão; das atividades desenvolvidas no mundo cotidiano, sejam elas na reprodução ou independência do indivíduo e da sociedade.

A partir destas colocações, estou tentando dizer que necessitamos, urgentemente, compreender a profissão Educação Física e a trajetória da formação profissional percorrida pelos seus atores, e que estas estão conectadas as suas vivências e contextos históricos, pois esse “ser” e “estar” acompanham tal trajetória e carreira profissional, o que em grande parte é responsável pela sua desenvoltura profissional, pela presença no mundo vivido:

esse assumir relações com o mundo só é possível porque a presença, sendo no mundo, é como é. Tal constituição de ser não surge do fato de, além dos entes dotados do caráter da presença, ainda se darem e depararem com ela outros entes, os simplesmente dados. Esses outros entes só podem deparar-se “com” a presença na medida em que conseguem mostrar-se, por si mesmos, dentro do mundo (HEIDEGGER, Parte I, 2002, p.96).

## FORMAÇÃO INICIAL E DIVERSIDADE: AS POSSÍVEIS CONTRIBUIÇÕES DA INVESTIGAÇÃO...

Na perspectiva desta última parte, podemos considerar que o futuro profissional de Educação Física, antes de exercer o seu ofício é um ser humano com sentimentos, desejos, virtudes e sonhos. É um ser unitário, que se constitui não apenas pelo seu percurso na trajetória da formação inicial, mas também pessoal.

Direcionar o olhar para esta reflexão possibilita entender o acadêmico e suas atitudes no ambiente universitário ou fora dele. Nesse sentido, a nossa reflexão precisa fazer parte da construção pedagógica da atuação docente para compreender e não julgar as atitudes procurando culpabilizar alguém e sim, proporcionar espaços de discussão que busquem outras formas de desenvolver tarefas que compreenda o ser humano e sua complexidade.

Questionamos para saber quem é o sujeito em formação no curso de Licenciatura em Educação Física? É o Acadêmico Professor ou o Professor Acadêmico, ou ambos. O que concebemos ser o professor? O que compõe este sujeito social e sua profissão? O processo pelo qual o sujeito constrói a sua trajetória é complexo, marcado por suas experiências pessoais, formativas e profissionais e, neste percurso, o sujeito como ator vive e age nesses diversos cenários a partir da interpretação que imprime aos fatos e ao mundo em que está inserido.

A riqueza de conhecimentos presentes no entrelaçamento das gerações – formadores e formandos; mercado de trabalho, escola e academias de ginástica, por exemplo – traz a diversidade de concepções, crenças, valores, atitudes, escolhas e as mudanças educacionais, e até mesmo a forma de ver a Educação e a Educação Física, que marcaram períodos históricos diferentes em nossa trajetória de vida.

Na trajetória da formação inicial, como foi interpretado no relato dos entrevistados, o indivíduo é marcado pelo desafio de ser um professor, um educador ou profissional da área da saúde (ou todos), no qual se realiza tentativas na busca da edificação da concepção de Educação Física e do ato pedagógico, permeado por conquistas e dificuldades que marcam a sua trajetória formativa através da apropriação que cada um fez e ainda fará das suas escolhas na sua história pessoal e profissional. Entretanto, nesta autoconstrução, o indivíduo não pode introjetar a representação de um sujeito perfeito, que não percebe suas dificuldades, criando constantes personagens, que o impedem de identificar-se como sujeito docente, pois quando mergulhados nesses cenários, a experiência real do ser professor passa despercebida (ORTEGA; GASSET, 1970; ABRAHAM, 1987).

Outro aspecto focado por Nóvoa (1992), diz respeito ao profissional da educação que, simplesmente adere a uma moda pensando que esta resolverá seus conflitos e dificuldades. Porém, moda entra, moda sai, o indivíduo cria uma imagem de si desejável socialmente para que possa ser aceito no espaço profissional, pois o sentimento de rejeição social pode lhe causar muita angústia por não se enquadrar, muitas vezes, dentro dos padrões sociais de aceitação e de conduta exigidos para a execução de determinada profissão. Abraham (1987, p.42) explica muito bem essa passagem: “*Antiguos o nuevos, los enseñantes experimentan la misma necesidad de presentar una imagen del sí-mismo profesional según la norma ideal*”.

É de grande importância frisar que ao longo de todo o percurso pessoal e profissional nos encontramos num labirinto (ABRAHAM, 1987), figura metafórica que representa o difícil caminho a ser percorrido até atingirmos os nossos objetivos profissionais. Muitos não se dão conta que se encontram nessa busca e, muitas vezes, acomodam-se, não aceitando novos desafios e novas possibilidades de enfrentar e olhar a si mesmo e a própria profissão.

Por isso é fundamental o sujeito se abrir para o mundo a sua volta, para as diferentes alternativas que se colocam em seu caminho, mas consciente de seus referenciais, da prática pedagógica e de seus objetivos, pois seu ambiente de trabalho concentra conflitos que caracterizam a sociedade atual, e ele, elemento mediador entre aluno e sociedade, precisa estar aberto a todas as controvérsias que este difícil, e muitas vezes tortuoso caminho, ainda reserva a sua frente.

Posto isso, o nosso intento até o momento foi tentar induzir o leitor a refletir em torno do cenário universitário, do sistema acadêmico, do processo de formação e das proposições educacionais afinadas e refinadas com o projeto intelectual de cada participante neste cenário, ao ideário das características do processo de reprodução ou independência na educação superior.

## REFERÊNCIAS

- ABRAHAM, A. *El mundo interior de los enseñantes*. Barcelona: Gedisa, 1987.
- \_\_\_\_\_. *El enseñante es también una persona: conflictos y tensiones en el trabajo docente*. Barcelona: Gedisa, 2000.
- BERGER, P.L.; LUCKMANN, T. *A construção social da realidade*. 6.e., Petrópolis: Vozes, 1985.
- CAPARROZ, F.E. *Entre a Educação Física da escola e a Educação Física na escola: a educação física como componente curricular*. Vitória: CEFD/UFES, 1997.
- CARMO, A.A. do. Licenciatura e/ou Bacharelado: alguns entendimentos possíveis. *Motrivivência*, v.1, n.1, p. 73-76, 1998.
- FARIA Jr., A.G. Professor de Educação Física, licenciado generalista. In: OLIVEIRA, V.M. (Org.). *Fundamentos pedagógicos da Educação Física*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, p. 11-33, 1987.
- FREIRE, P. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 15.e., Rio de Janeiro. Paz E Terra, 2000.
- DELGADO, M.A. *Ocupação do mercado de trabalho em Educação Física na cidade de Campinas devido a formação profissional*. 1999. 378f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1999.
- GALLARDO, J.S.P. (Coord). *Educação Física: contribuição a formação profissional*. Ijuí: UNIJUÍ, 2000.
- GIORGI, A. Phenomenology and psychological research. Pittsburg: Duquesne University Press, 1986.
- HEIDEGGER, M. *Ser e Tempo*. 12.e., Petrópolis: Vozes, Parte I, 2002.
- \_\_\_\_\_. *Ser e Tempo*. 11.e., Petrópolis: Vozes, Parte II, 2004.
- HERNÁNDEZ, F. A formação do professorado e a investigação sobre a aprendizagem dos docentes In: MOLINA NETO, V.; TRIVIÑOS, A.N.S. (Orgs.). *A pesquisa qualitativa na Educação Física: alternativas metodológicas*. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS/Sulina, p.45-59, 1999.
- ISAÍÁ, S.M. de A. O professor do ensino superior: no entrelaçamento da trajetória pessoal com a profissional. *I Seminário Internacional: Pessoa Adulta, Saúde e Educação*. Porto Alegre: PUCRS, 2005.
- KRUG, H.N. A competência pedagógica do professor de Educação Física. In: CANFIELD, M. de S. (Org.). *Isto é Educação Física!* Santa Maria: JtC Editor, p. 81-94, 1996.
- KRÜGER, L.G.; CONCEIÇÃO, V.J.S. da; SILVA, M.S. da; SANTOS JUNIOR, S.L. dos; ZANINI, M.C.; KRUG, H.N. A Educação Física escolar em Santa Maria-RS: a opinião do aluno da rede pública de ensino. In: 9ª Jornada Nacional de Educação: Profissionalização docente, reflexões e perspectivas atuais. *Anais em CD Rom...* UNIFRA, Santa Maria, 2003.
- MARIZ DE OLIVEIRA, J.G. Preparação profissional em Educação Física. In: PASSOS, S.C.E. (Org.). *Educação Física e esportes na universidade*. Brasília: SEED/MEC, Universidade de Brasília, p. 228-249, 1988.
- MEDINA, J.P.S. *A Educação Física cuida do corpo... e “mente”*. Campinas: Papyrus, 1983.
- MERLEAU-PONTY, M. *Fenomenologia da percepção*. São Paulo: Martins Fontes, 1994.
- MOLINA NETO, V. A formação profissional em Educação Física e Esportes. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, v. 19, n. 1, p. 34-41, 1997.
- NÓVOA, A. Os professores e as histórias de sua vida. In: NÓVOA, A. (Org.). *Vidas de professores*. Porto: Porto Editora, p.11-30, 1992.
- NUNES, O.M.B. *Desvelando a formação acadêmica através da percepção de universitários*. 2002. 86f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2002.
- ONOFRE, M. T. de A. S. Elementos para a Reflexão Sobre Formação de Professores... de Educação Física. *Boletim da Sociedade Portuguesa de Educação Física*, Lisboa/Portugal, n. 1, 2ª série, p. 75-95, primavera, 1991.
- ORTEGA, Y.; GASSET, J. Obras completas. 7.e., *Ediciones de la Revista del Occidente*, Madrid, v.5, p. 29-80, 1970.

- PÉREZ GÓMEZ, A.I. O pensamento prático do professor: a formação do professor como profissional reflexivo: In: NÓVOA, A. (Coord.). *Os professores e sua formação*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, p.93-114, 1992.
- PETRICIA J.M. A Formação de Professores de Educação Física nas Escolas Superiores. *Revista de Educação Física e Desportos Horizonte*, Lisboa/ Portugal. v. IV, n 22, p 128-135, nov./dez. 1987.
- SALVADOR, C.C. *Aprendizagem escolar e construção do conhecimento*. Porto Alegre: Artmed, 1994.
- SCHÖN, D.A. *Educando o profissional reflexivo: um novo design para o ensino e a aprendizagem*. Porto Alegre: Artmed, 2000.
- SILVA, S.A.P. dos S. Desenvolvimento do pensamento crítico-educativo e os estágios curriculares na área da Educação Física. *Revista Brasileira Ciência e Movimento*, Brasília, v.11, n.3, p. 37-44, jul./set., 2003.
- TRIVIÑOS, A.N.S. *Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação*. São Paulo: Atlas, 1987.
- VERENGUER, R. de C.G. *Preparação profissional em Educação Física: das leis à implementação dos currículos*. 1996. 95f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1996.
- \_\_\_\_\_. *Mercado de trabalho em Educação Física: significado da intervenção profissional à luz das relações de trabalho e da construção da carreira*. 2003. 585f. Tese (Doutorado em Educação Física) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2003.

#### Contatos

Universidade Federal de Santa Maria/UFSM

Fone: (0xx55) 9913-4468 (0xx55) 3217-6107

Endereço: Endereço residencial: Rua Henrique Dias, 125/401 – Centro – Santa Maria/RS - cep. 97010-220

E-mail. [leonardogk@gmail.com](mailto:leonardogk@gmail.com); [lgkruger@bol.com.br](mailto:lgkruger@bol.com.br)

#### Tramitação

Recebido em: 18/01/06

Aceito em: 24/04/06



